

Manifesto Bichos da Luz

Animals of the Light Manifest

Manifiesto Animales de la Luz

Débora Curti

Universidade Federal de Pelotas

E-mail: debora_curti@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1027-2195>

Édio Raniere da Silva

Universidade Federal de Pelotas

E-mail: edioraniere@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0216-678X>

RESUMO:

Impessoais, indiscerníveis, impensados, instáveis, incertos, inconsequentes, delirantes, desviantes. Podem tentar à vontade, mas nunca conseguirão nos definir, somos Bichos da Luz. Aparecemos e desaparecemos de maneiras diferentes, brincando com conexões e desconexões entre as coisas, entre a linguagem visual e a linguagem escrita, colocando tudo em questão. Este ensaio visual é um convite para adentrar um escuro de possibilidades, dúvidas, imaginação, transformação e criação.

Palavras-chave: *Bichos. Luz. Fotografia. Imagem. Escuro.*

ABSTRACT:

Impersonal, indiscernible, thoughtless, unstable, uncertain, inconsequential, delusional, deviant. You can try it, but you'll never be able to define us, we are Bichos da Luz. We appear and disappear in different ways, playing with connections and disconnections between things, between visual language and written language, questioning everything. This visual essay is an invitation to enter a dark space of possibilities, doubts, imagination, transformation and creation.

Keywords: *Animals. Light. Photography. Image. Dark.*

CURTI, Débora; SILVA, Édio Raniere da. *Manifesto Bichos da Luz*.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41818>>

RESUMEN:

Impersonal, imperceptible, irreflexivo, instável, incerto, intrascendente, delirante, desviado. Puedes intentar todo lo que quieras, pero nunca podrás definirnos, somos Animales de la Luz. Aparecemos y desaparecemos de diferentes maneras, jugando con las conexiones y desconexiones entre las cosas, entre el lenguaje visual y el lenguaje escrito, poniendo todo en tela de juicio. Este ensayo visual es una invitación a entrar en una oscuridad de posibilidades, dudas, imaginación, transformación y creación.

Palabras clave: *Animales. Luz. Fotografía. Imagen. Oscuro.*

Artigo recebido em: 16/11/2022

Artigo aprovado em: 01/02/2023

Um raio distorcido. Sol, minha mãe, avó, bisavó, trisavó, tetravó, até o começo. Origem? Sequências lineares são engraçadas. Nós, bichos da luz, preferimos distorcer a linha, distorcer o tempo. Afetos anacrônicos. Lua, reflexos múltiplos de luz. Girando o mundo, estão o sol e a lua. Remixando a terra, vai e vem, vem e vai. Ontem, hoje, amanhã, meia-volta, amanhã, hoje, ontem. Averso, revés, inversão, subversão, imaginação. Conexões e desconexões impensadas. Você consegue imaginar uma imagem outra, uma outra imagem? Diferente, nua, despida de significados pré-estabelecidos, eles são muito pesados. Preferimos a leveza da invenção, da imaginação. Poder ser qualquer coisa, você consegue imaginar? Plural e singular, primeira pessoa e terceira pessoa. Impessoal, indiscernível, impensada, instável, incerta.

Estamos sempre a fugir da identidade, brincando com a imagem e suas possibilidades. Somos bichos desviantes, somos meio que não sendo. Criados pela distorção da luz, estamos sempre flertando com as sombras. Só a escuridão nos permite aparecer, a luz dos holofotes nos apaga. Aparecemos e nos escondemos nesse jogo entre a luz e a escuridão, adoramos brincar no espaço entre. Geralmente são as crianças que nos sacam melhor, por termos grande afinidade com a imaginação. Adultos humanos geralmente não conseguem nos ver, e quando veem nos acham estranhos, monstros, quimeras, misturebas sem sentido, como se isso fosse ruim. Eles parecem precisar de uma definição bem estruturada e fixa, temem a mudança. Mas somos indefiníveis, mudamos a todo instante, fugimos de toda forma que arrisca se definir, é impossível capturar-nos em definições. Somos estrangeiros às classificações humanas. Levados pelos ventos, quando vão tentar nos

capturar em uma forma já não somos os mesmos, somos outros. Nos movimentamos por *outramentos*, estamos sempre nos tornando outros. (In)constante transformação, algumas vezes temos muita pressa e outras vezes tomamos todo o tempo do mundo. O tempo nos atravessa como um jogo de velocidades e lentidões, um vaivém de sou, não sou, sou, não sou, sou isso, sou aquilo, sou assim, sou assado, porque estamos sempre nos tornando algo diferente do que somos. Sujeitos a chuvas e trovoadas, dançamos entre o que é e o que não é. Duvidamos de tudo, inclusive de nós mesmos. Será que estamos contando a verdade, ou será que estamos inventando? A verdade é móvel e mutante assim como nós. Somos imagens, afinal. Nunca se sabe. As imagens também se *outram*, se transformam em novas percepções e sensações. Uma outra mesma imagem, uma mesma outra imagem.

A dúvida toma conta. Estamos no território das incertezas e indiscernibilidades, entre imaginação e razão. A razão não consegue se sustentar, as significações não cessam de fugir e se transformar. A imaginação faz festa nessas fronteiras movediças entre o que é e o que não é. Pode ser tudo, pode ser nada. Nadamos nesse nada, oceano gigante e desconhecido, talvez o fundo do fundo do mar, onde habitam outros bichos estranhos e bioluminescentes. Somos também esses bichos, agora longe do sol, em meio a ruídos abissais. Outras frequências, outros cumprimentos de onda. A luz ainda dá seu jeito de brilhar. Corpos coloridos, variações de olhos, narizes e bocas. Saudades do sol, nadamos agora no céu, somos nuvens passeando pela praia, atravessadas por passarinhos. Desniviando. A noite se aproxima, fugimos pelo crepúsculo até as estrelas, reflexo do céu no mar, mar de estrelas que foram e já não são mais. São e não são, somos e não somos estrelas. Viajantes do espaço, por anos-luz. Minutos, segundos, eternidades. Para viajar no cosmos não precisa gasolina. Cada planeta um bicho diferente, filhos das galáxias mães. Constelações, deuses, gigantes. Enjoamos dessa grandeza, agora somos minhocas e estamos em busca de um buraco para fugir. Ah, melhor ainda, um buraco negro nos encontrou. Perdemos nele, uma escuridão de possibilidades, ausência de significações, enigmas, labirintos, passagens secretas, dúvidas e mais dúvidas. É aqui que a gente se encontra e faz festa, onde não sabemos de nada. Deixamos de lado toda a explicação racional, biológica e física, encontrando o diferente, o inesperado. O não lugar, o não saber, o não ser. Conexões e desconexões. Voar na água, nadar no espaço.

Bichos de espécies ainda não descobertas, que habitam o mundo há milênios. Bichos futuristas, habitantes de um mundo ainda por vir. Bichos macroscópicos, bichos microscópicos. Encontramos nessas diferenças. Nossa família, nossos amigos, nossos inimigos, nós. Somos todos estes, às vezes outros, às vezes os mesmos. Às vezes os dois, no cruzamento de diferentes espaços, diferentes temporalidades. Múltiplos, nômades, mutantes. Simbioses, contaminações, contágios, assim vamos pulando de bicho em bicho, como na brincadeira de pular corda, às vezes tropeçando, às vezes pulando para trás. Gostamos das inversões. Outras versões, versos, poesia. Reino animal, reino vegetal, reino funghi, reino protista, reino monera, e tantas outras possibilidades. Uma raiz que vira pata, sai andando e cai na água para ser nadadeira, o reino da imaginação é o mais divertido. Mas a imaginação não é reino, reinos pressupõem hierarquias, reis, leis, a imaginação não gosta de hierarquias, gosta de multiplicidades. Sim, somos bichos contraditórios, já havíamos avisado que aqui nada é constante, tudo é mutante. As sombras nos compõem e nos assombram, e nós assombramos a sombra. Sombramos, sobramos. Com as sombras nós formamos e deformamos, criamos labirintos de sentido, transbordamos convenções e significações. Habitamos as bordas, as margens, as fronteiras, criamos brechas no tempo. Estamos entre o dia e a noite, crepúsculo em que as coisas não são nem uma coisa nem outra. Nem nascemos e já morremos.

Como era antes de nascer? Como vai ser depois que morrer? Será que essas temporalidades abstratas se encontram em algum lugar? Sonhos, lembranças, projeções. O “eu” se perde no não eu, vira parte de uma multiplicidade de seres indiscerníveis, que brincam com a forma, deformando-a. Brincamos, deformamos, colocamos tudo em questão. A forma associada à norma não nos interessa, fugimos da norma com todas as nossas forças. Forças invisíveis, forças caóticas. Quando o caos pede passagem, lhe estendemos um tapete vermelho para que possa desfilar. Abram alas para o desfile dos bichos da luz em suas múltiplas metamorfoses. Neste ensaio visual, propomos uma brincadeira que se dá através de conexões e desconexões entre linguagem escrita e linguagem visual. Convite para adentrar um escuro de possibilidades, dúvidas, imaginação, transformação e criação.



Fig. 1. *bicho encantado nos cantos da escuridão*, fotografia, 2022. Fonte: autores.



Fig. 2. *bicho curupira tropeça no avesso do chão*, fotografia, 2022. Fonte: autores.



Fig. 3. bicho faz pose no desfile “Os Pirilampus Imaginários”, fotografia, 2022. Fonte: autores.



Fig. 4. *bicho idoso dança com uma bengala quebrada*, fotografia, 2022. Fonte: autores.



Fig. 5. *bicho nadando no nada se perde em tudo*, fotografia, 2022. Fonte: autores.



Fig. 6. bicho passarinho disputa corrida com motocicleta, fotografia, 2022. Fonte: autores.



Fig. 7. *bicho delirante voando sem rumo*, fotografia, 2022. Fonte: autores.



Fig. 8. bicho que estrala os ossos da cintura produz trovão, fotografia, 2022. Fonte: autores.